



DEPOIMENTO

Tema sempre actual

JOSÉ GUEDES PINTO MACHADO
Eng.º Civil (I. S. T.)

Os caprichos do «acaso» são conhecidos. Assim, de um dia para o outro apareceu-me, como oferta, sobre a minha desarrumada mesa de trabalho, três valiosos estudos: o volume I das «Obras completas de Aureliano de Mira Fernandes»; a magnífica «Oração de Sapiência-Matemática-Conhecimento do Cate-drático Bayolo Pacheco de Amorim»; e uma moderna edição dos «Conceitos Fundamentais da Matemática, do Prof. Bento de Jesus Caraça».

A leitura destas obras fez-me recordar algumas das minhas envelhecidas preocupações. Reli, uma vez mais, certa carta que o Doutor Mira Fernandes me havia escrito em 1935. Como isso vai longe! Nela me pedia que quando fosse a Lisboa — eu vivia em Santarém — lhe fizesse uma visita como a da semana anterior, para me mostrar alguns aspectos geométricos do meu problema de probabilidades. Acrescentava que isso lhe ocorrera depois da minha visita, mas que só agora passadas as férias de Entrudo lhe havia dado forma com ideia de mos enviar. Mas que depois não o havia feito por lhe parecer melhor *conversarmos* sobre esses aspectos. *Melhor para mim*, dizia, *que quase não tenho com quem conversar sobre estes assuntos, o que se me afigura, acentuava, for-*

tíssima determinante duma próxima futura mudez absoluta.

Espelhava-se nesta carta a tragédia do isolamento daqueles poucos que, entre nós, cultivam a matemática. Mas um abandono como o nosso não se passa em toda a parte. Os mais subtis raciocínios matemáticos vi-os expostos com grande desenvolvimento na TV Britânica. Os povos acreditados no progresso sabem bem que a invenção matemática só florescerá em clima de livre iniciativa do matemático; que não há processo mecânico, que a possa substituir; que a máquina terá, o que já é muito, uma capacidade ordenadora, mas a *alma* dos factos sempre lhe escapará.

Deixei de ser director da «Electricidade» já lá vão uns anos. Nos dezoito anos que a dirigi foram dezoito anos de luta infatigável para que a «Revista» não se limitasse a ser um repositório técnico dos factos ocorridos, mas se elevasse um pouco no campo das filosofias e do saber em que vivemos envolvidos. Foi este o escopo dos editoriais que para ela escrevi. Penso que alguma coisa nesse propósito consegui.

São hoje outros que respondem pela faciés dada actualmente à «Revista». No entanto pretendia, numa atitude de despedida, escre-

vinhar para ela uns dois ou três depoimentos. Um deles seria o que adiante segue, e resulta dum respigado em escritos que o Doutor Mira Fernandes glosou sobre o papel do «Mestre» face ao «Aluno» e à sua curiosidade intelectual. Trata-se de um tema que é sempre oportuno mas que hoje se mostra mais agudizante, dadas as preocupações que a mocidade pressente sobre o seu futuro. Procurar desalojar tais preocupações, substituindo-as pelo desejo de ascender a um maior saber, pode para muitos tornar-se alavanca que os entusiasmará a viver mais confiantes.

Foi esta a razão que determinou o desejo de tornar conhecido o escrito publicado na «Técnica» pelo Doutor Mira Fernandes em 1945.

Os conceitos que aí são expostos têm um tratamento não apenas com uma justeza que impressiona e encanta, mas numa fraseologia de uma beleza sem paralelo. Divulgar esses escritos pode não constituir a melhor homenagem ao «Mestre» mas para o «Aluno» será sempre uma lisonja confortante.

CURIOSIDADE E VOCAÇÃO

«... No seu poder animador da curiosidade está uma das mais pre-

clares virtudes do mestre. É uma ciência e uma arte. Procede simultaneamente do seu saber e do seu sentir; do seu talento e da sua sinceridade; do seu engenho em expor a verdade, em anunciar a ilação, em acentuar o contraste ou a analogia, em sugerir a iniciativa. Acrisola-se na consciência da sua força e sustenta-se no prestígio do seu exemplo.

A Vocaçào, revela-se, às vezes, com a espontaneidade e a pujança do géneo... irresistível. Não a geram ensinamentos... tem o cunho da onipotência e o estigma da fatalidade. Muitas vezes, porém, é necessário descobri-la... e no conseguimento deste desígnio, há muita ilusão a desfazer... mas também não faltam desânimos, que é preciso encorajar..., acanhamentos que é forçoso combater.

Ao mestre incumbe ainda, grande parte desta tarefa — que a consciência o não acuse de ter malogrado a exaltação do mérito; nem o acoime de ter alimentado a fermentação do delírio».

INICIATIVA

«... Determinar-se na escolha dos métodos, decidir-se na opção dos meios, são as mais delicadas funções do engenho humano. A iniciativa torna-se assim um insubstituível instrumento de selecção de valores, um indispensável agente da investigação da verdade, precioso utensílio da invenção, inestimável arma de crítica. É ela que promove no campo das ideias as aproximações e confrontos, dos quais tantas vezes surgem novos métodos... No campo especulativo é muitas vezes a verificação do erro que sugere iniciativas fecundas. No campo moral, o erro é quase sempre origem de insanáveis males; por isso a iniciativa não dispensa o aplauso da consciência. Se esta o recusa, há que rejeitá-la; se ela apenas hesita

em conceder-lo, por insuficiência de elucidação, a melhor iniciativa é esperar. Só de longe em longe um conceito novo, sem conhecida ascendência imediata vem enriquecer... a aparelhagem do investigador. Tenha-se presente como refere Poincaré que nunca será possível substituir por um processo mecânico a livre iniciativa do matemático; a máquina poderá quando muito ter uma capacidade ordenadora; mas há-de escapar-lhe sempre a alma dos factos».

CONVENCER

«O poder de convicção como qualidade docente, é delicado complexo de atributos, uns naturais, outros adquiridos... A clareza do enunciado das proposições, a correcção do desenvolvimento dos raciocínios, o vigor insinuante da exposição, o interesse que se revela para se transmitir, a sobriedade que se disciplina para não cansar, são outros tantos agentes de convicção do auditório. Saber dar realce ao que é essencial... Reduzir ao mínimo o esforço de atenção dos ouvintes... encaminhando-a tanto quanto possível por um suave pendor de curiosidade, são virtudes de alta valia da arte de convencer... Mas há que reconhecer na atitude dos discípulos, quais os elementos de raciocínio em que é necessário insistir para o mais completo esclarecimento da verdade... há que pressentir o declínio da atenção... há que revelar na alocução evidentes sinais de sinceridade... se a matéria é árida, convém acentuar-lhe o interesse, inculcando-lhe os méritos; se é atraente, importa soffrear precipitações... No exercício da função docente para se ser honesto na intenção de convencer, é necessário estar convencido. Não me atrevo a dizer que seja suficiente, porque quem ensina tem o dever de aliar à no-

breza dos ideais o sentimento das realidades — à crença, as realidades do sacerdócio».

AUTORIDADE

«Nas relações entre mestre e discípulos a autoridade não é atributo conferível pelo simples exercício da função. Desse exercício resultam apenas para uns e outros, direitos e deveres.

Do cumprimento escrupuloso desses deveres e do comedido uso desses direitos dimana a autoridade... Na observância do dever, o rigor é o ideal que a perfeição humana não atinge; na invocação do direito, a sobriedade é uma virtude que a nobreza moral não dispensa...

A autoridade do discípulo apoia-se inicialmente no seu empenho de aprender; porque se esse empenho claudica, diluindo-se na aspiração mais forte de um diploma, mal vai a sua sinceridade...

A autoridade do mestre resulta da evidência e continuidade do seu esforço, do acerto do seu método, do interesse da sua exposição, da extensão da sua cultura, do vigor da sua inteligência; mas não procede menos do equilíbrio das suas faculdades de julgador, da sinceridade do seu desejo de ensinar; da lealdade do seu trato; da compostura do seu porte. É atributo dos seus méritos e consequência dos seus actos; apanágio dos seus talentos e galardão das suas virtudes. Não a promove o desejo próprio, nem a tolhe a vontade alheia; antes o primeiro, por desvairada ambição, a deprime e a segunda por injusta afronta a engrandece. Exalta-a a própria negligência de se afirmar, nobilita-a a mesma dúvida de se reconhecer. E, se a não empalidece a injúria, também a não acrescenta a lisonja. Por isso mesmo, é dom que se não confere, qualidade que se não ostenta, riqueza que se não furta».